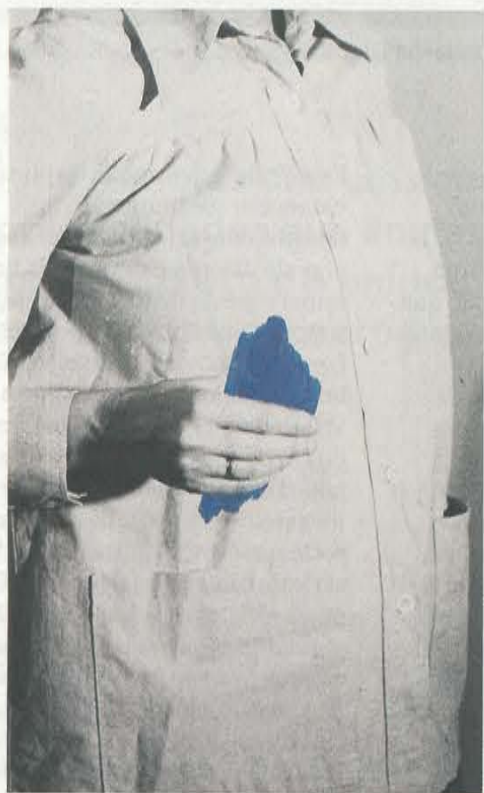


Cult uras



Um corpo entre

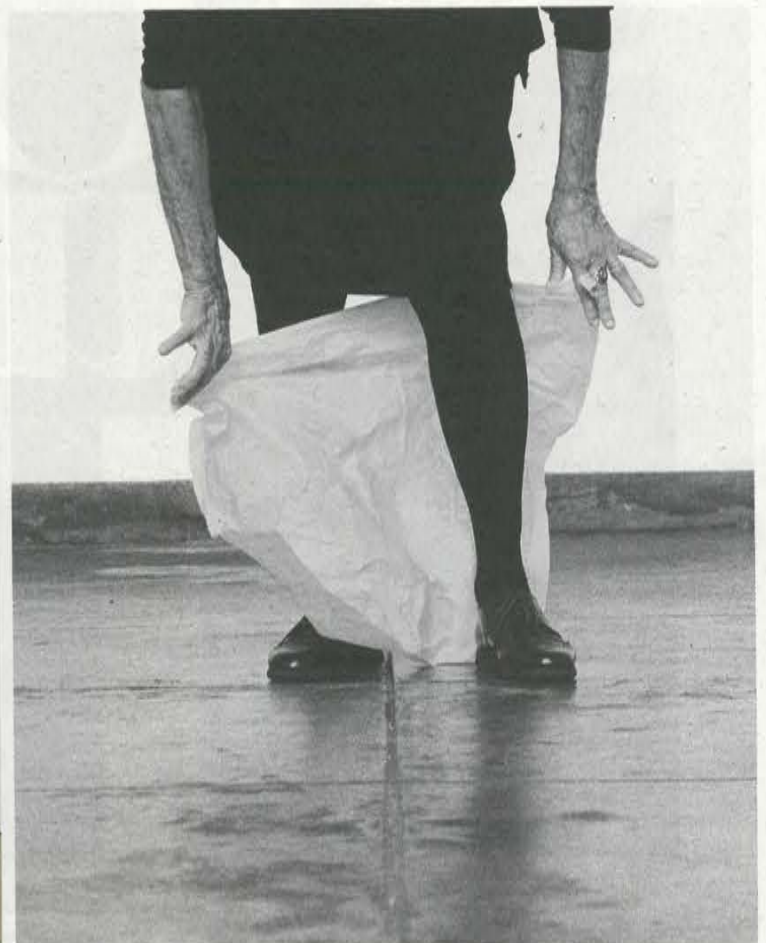
Serralves exhibe uma amostra abrangente da obra de Helena Almeida, para quem o próprio corpo funcionou sempre como agente de deslocação e desvanecimento de fronteiras

TEXTO CELSO MARTINS



FILIPE BRAGA

Obras de Helena Almeida dos anos 60 que raramente foram mostradas



Fotografia da série "Desenho", de 2012

A

exposição que agora se apresenta não é certamente a mais extensa das que já se realizaram sobre Helena Almeida, mas ao mesmo tempo que não se assume como uma retrospectiva é aquela que olha para a sua obra com mais profundidade histórica. Comissariada por João Ribas e Marta Moreira de Almeida, esta apresentação recua o horizonte histórico através do qual costumamos olhar o corpo do seu trabalho até meados dos anos 60, convocando obras muito pouco conhecidas mas extremamente iluminadoras do caminho que a artista prosseguiu nas décadas seguintes.

Filha do escultor Leopoldo Almeida, Helena nasceu em 1934 em Lisboa, cidade onde estudou pintura na Escola de Belas-Artes. O seu percurso artístico remonta a meados dos anos 60, década em que se afirmavam

nomes como Lurdes Castro, René Bertholo ou Alberto Carneiro, mas é só na década seguinte que o seu trabalho ganha notoriedade. Nesse sentido, podíamos dizer de Helena Almeida que é alguém que certamente absorveu os ventos de mudança que varreram a arte portuguesa nessa década, mas que foi capaz de encontrar uma síntese pessoal que nos anos 70 vai encontrar a maturidade dos seus princípios fundamentais já em sintonia com as práticas conceituais e pós-conceituais que caracterizam esse tempo.

Uma fotografia de 67, onde pode ver-se a artista na Livraria Buchholz, em Lisboa, onde realizou a sua primeira exposição individual, junto de uma pintura da qual se perdeu o rasto, é um ponto inicial simbólico da exposição, na medida em que funciona como um palimpsesto da própria deslocação que o seu trabalho opera do campo estrito e tradicional da pintura para uma multiplicidade de *media* — desenho, fotografia, vídeo —, todos bem representados na exposição. Esta circunstância não coloca, porém, a artista no grupo daqueles que no final dos anos 60 abandonaram definitivamente a

pintura em favor de práticas de natureza conceptual. Se, como defende Rosalind Krauss, um meio artístico não é apenas uma prática mas também a tradição que transporta consigo, então podemos dar razão a Helena Almeida quando ela se define a si própria como pintora, salvaguardando a especificidade dessa condição. Uma coisa é certa: esta obra tem no corpo próprio da artista o seu eixo de movimento essencial, e, se não é propriamente rigorosa a afirmação de que o corpo é a obra e a obra é o corpo, a verdade é que o corpo é aqui o despoletador fundamental de uma circulação que com frequência rompe com ou se evade dos protocolos mais estáveis da utilização de cada meio. Essas ideias de deslocação são notórias logo nas primeiras obras realizadas em meados dos anos 60 — seja na pintura sem título de 1966 que testemunha o estilhaçamento de um espaço ou no caso das obras em que a tela deixa de funcionar como um ecrã através do qual se vê qualquer coisa e é tomada na sua literalidade e com uma intensão quase escultórica ou quando o arranjo compositivo de uma potencial pintura abstrata se faz já no espaço.

Esse "sair", que aqui é da pintura, vai repetir-se inúmeras vezes noutros contextos ao longo dos anos e, pode dizer-se, dura ainda hoje, numa espécie de jogo de avanços e recuos que entende a progressão como um movimento que vai sempre buscar qualquer coisa ao passado. Vejam-se os jogos de virtualização do corpo e literalização do desenho nos "Desenhos Habitados"; a invasão de pintura que a fotografia sofre na série "Pintura Habitada"; a série de fotografias dos anos 80 em que a artista parece expelir linhas de pigmento para o espaço ou aquelas em que o corpo invoca a dança ou, na sistematicidade da imagem, o cinema.

Em cada uma dessas saídas, Helena parece trazer consigo a própria memória da prática que desconstrói. Veja-se o modo como a linha conserva as condições do desenho; como o plano é sempre arquitetado nas suas obras mais assumidamente fotográficas; ou como a tinta colorida vem reorientar o sentido de uma fotografia como se de uma pintura se tratasse.

Em alguns casos, como em várias "Pinturas Habitadas" a artista surge de pincel na mão, e é o gesto que é invocado; noutros veste-se com a

HELENA ALMEIDA

A MINHA OBRA É O MEU CORPO, O MEU CORPO É A MINHA OBRA
MY WORK IS MY BODY, MY BODY IS MY WORK

Helena Almeida é uma artista portuguesa que trabalha com a fotografia e o vídeo. Ela é conhecida por suas obras que exploram o corpo e o espaço, muitas vezes utilizando-se de técnicas de encenação e manipulação. Sua obra é profundamente influenciada pela cultura portuguesa e pela história da arte. Ela é considerada uma das principais artistas contemporâneas de Portugal.



Entrada da exposição com fotografias da série "Seduzir", do início dos anos 2000

Helena Almeida cria um espaço de possibilidades que anula as fronteiras entre o concreto e o onírico, entre o físico e o mental, entre o corpóreo e o espacial

própria tela, esfumando a distância entre corpo e obra; noutros, ainda, são as condições do corpo, ou os sentidos, os terminais da ligação com o mundo que estão no centro das operações, como em "Ouve-me", "Toca-me" ou "Sente-me". A exposição vai-se desvelando em algumas das suas séries mais importantes, revelando como a relação entre meio-espaço-corpo foi encontrando novos desafios, como a utilização de materiais com forte ressonância na história da arte (como o pigmento) ou de forte capital simbólico (o arame) ou de como o seu trabalho se foi libertando progressivamente de uma moldura formal ou de um dispositivo para habitar cada vez mais o espaço literal. É tentador olhar esta obra como um conjunto de exercícios abstratos em torno do próprio

corpo praticados em estúdio, mas ela encontra sempre um ponto de fuga para se relacionar com a vida, com a alegria, com a angústia ou a tragédia. Em todas estas circunstâncias, Helena é ela, o seu corpo e a sua condição. Por isso, o modo como o seu feminismo contamina ou não a obra foi com frequência um motivo de debate, ao qual se pode responder com a convicção de que, mais do que uma atitude ideológica explícita, o seu trabalho é um encontro feliz entre uma condição (a feminina) e uma ética (a da liberdade). Essa combinação é particularmente enfática em alguns momentos: lembrem-se, por exemplo, as fotografias de 1979 (ano da revolução iraniana), em que a artista surge encapuçada ou vendada com a expressão "Ouve-me." escrita na gola ou na venda

que lhe tapa a cara e no sentido que essas imagens reganham em novos tempos de atrocidades cometidas contra as mulheres em nome da religião. O mesmo tipo de dramatismo se surpreende no filme "Ouve-me", do mesmo ano, em que um corpo pulsa atrás de uma película como se precisasse de ser ouvido para respirar; ou ainda na comovente série fotográfica "O Abraço" (2006), em que Artur Rosa (seu marido e o homem omnipresente atrás da câmara) a ela se enlaça na imagem. Esse entrar e sair da história (a nossa, pública, ou a dela, íntima e privada) ajuda a definir a natureza desta obra como uma espécie de coreografia espiralada no espaço capaz de fixar as perenes condições existenciais do humano (a vida, o amor, a morte), contornando a literalidade mas também a intencionalidade hermética; escusando-se ao enredo ou à narrativa, mas aspirando sempre a uma comunicação tão universal quanto possível. A exposição mostra os momentos mais representativos deste programa ao mesmo tempo que oferece alguns conteúdos inesperados, como a sobreposição

de pinturas com algumas fotografias, a exibição de um vídeo-esboço ou de desenhos preparatórios que ajudam a entender o método, mas, mais importante do que isso, o modo como a artista pensa a construção de cada trabalho. Com eles, entendemos melhor como a cada obra, a cada movimento nela, Helena Almeida cria um espaço de possibilidades que anula as fronteiras não apenas entre as disciplinas artísticas mas entre os planos do concreto, do onírico, do físico e do mental, do corpóreo e do espacial. Esse é um modo de estar no mundo estando noutro lado e um modo de se evadir sem que o corpo se extinga da vida e da história. ●



**HELENA ALMEIDA:
A MINHA OBRA É O MEU
CORPO, O MEU CORPO
É A MINHA OBRA**

Museu de Arte Contemporânea
de Serralves, Porto, até 10 de janeiro
de 2016